

O Brasil no caminho certo, dizem os nossos credores.

A. M. Pimenta Neves, enviado especial a Honolulu.

Robert T. Parry, vice-presidente executivo e economista-chefe do Security Pacific National Bank, de Los Angeles, um dos dez maiores dos Estados Unidos e importante credor do Brasil, resumiu ontem o que parece ser o sentimento de numerosos grandes bancos regionais dos Estados Unidos e de outros países, a respeito do novo programa financeiro do Brasil.

Parry, que irá ao Brasil no final do mês, não ouviu pessoalmente as exposições do presidente do Banco Central do Brasil, e de outros financistas do FMI e de bancos privados, durante o encontro promovido pelo Manufacturers Hanover, anteontem, em Honolulu. Mas dois de seus colegas estiveram lá e disseram a Parry que as exposições foram competentes e convincentes. Entretanto, Parry disse que agora seu banco "claramente deseja examinar os números de perto".

— Queremos ver como é que as partes do pacote se encaixam, afirmou a jornalistas.

Tarefa difícil

Mas, à primeira vista, Parry acha que o novo plano é "um passo na direção certa" e, embora considere a tarefa "muito difícil", acha que a comunidade financeira internacional conseguirá levar a bom termo as negociações em torno do pacote, ainda que o resultado final possa não ter a mesma forma do pacote proposto pelo governo brasileiro, pelo FMI e pelo Comitê de Assessoramento dos Bancos Privados, liderado por William Rhodes, do Citibank.

Felizmente para o Brasil, 90% dos recursos privados necessários ao fechamento de suas contas neste ano e no próximo dependem de 170 bancos apenas, embora a idéia seja envolver 850 instituições do mundo no empréstimo de 6,5 bilhões de dólares que o País está tentando levantar com boa possibilidade de êxito. Pastore disse anteontem que até o próximo dia 15 de novembro espera ter recebido respostas de 90% dos bancos que seriam consultados por telex a partir de hoje.

Sem interesse

A convenção anual da Associação

dos Bancos Norte-Americanos terminou ontem com um debate de que Robert Parry participou, sobre as perspectivas da economia norte-americana e internacional.

A convenção atraiu cerca de 12 mil pessoas a Honolulu, 8.700 das quais banqueiros representando os três mil bancos, segundo palavra da Associação. Mas na quase totalidade esses bancos são de pequeníssimo porte e, pela mostra que foi possível recolher em entrevistas, não estão envolvidos com o Brasil nem interessados nisso. Os que foram ouvidos também não foram contatados pelo Comitê de Assessoramento e provavelmente não o serão.

Esses pequenos bancos não têm uma opinião muito lisonjeira do mercado internacional e procuram manter distância da crise, mesmo por vias indiretas. Assim mesmo, a proporção da crise afeta seu comportamento. Por exemplo, o principal executivo de um pequeno banco de Salinas, Estado de Kansas (com depósitos de 80 milhões de dólares), que não quis ser identificado pelo nome, disse a este jornal que a crise da dívida externa do Terceiro Mundo o obrigou a alterar suas relações com um dos cinco maiores bancos de Nova York, com o qual costumava fazer negócios.

— Estamos desviando nossos fundos federais (empréstimos interbancários) para um banco regional de menor porte, a fim de evitar o risco de os países devedores não poderem pagar a sua dívida com o banco de Nova York, afirmou.

Suspeita

Isso dá uma idéia das ramificações da crise financeira internacional. O último dia da Convenção também serviu para salientar um outro aspecto da suspeita com que os pequenos bancos encaram o mercado internacional. Durante a sessão de ontem, quando Robert Parry e dois outros economistas, David Jones e Jarry Jordan, discutiam as perspectivas da economia norte-americana, alguém fez pergunta sobre o papel do Fundo Monetário Internacional na crise da dívida externa.